

Defesa. O universo dos sem-abrigo que participaram na guerra colonial é pouco conhecido e de número indeterminado. A Liga dos Combatentes, com o apoio de várias instituições de solidariedade civis que há muito trabalham nessa área, desenvolve um projecto específico para os sem-abrigo combatentes desde meados de 2008, que já conseguiu resultados inesperados



José Freitas (topo da mesa) com técnicos da LC e os cinco ex-combatentes acolhidos pelo Exército de Salvação

Estudo sobre filhos de ex-combatentes

O Ministério da Defesa assina hoje, em Lisboa, um protocolo com o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra para estudar os efeitos da guerra colonial (1961-1974) nas gerações seguintes, nomeadamente sobre os factores ligados ao Distúrbio de Stress Pós-Traumático. O Ministério explica o protocolo com a vontade de se associar ao projecto de investigação "Os Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações", a cargo de uma equipa de investigadores do CES (ligados às áreas de Estudos Culturais, Estudos para a Paz e Medicina) e com quem colaboram o Hospital Militar de Coimbra e a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. O protocolo é assinado pelo director do CES, Boaventura Sousa Santos, e pelo director-geral de Pessoal do Ministério, Alberto Coelho.

SEM-ABRIGO COMBATENTE SAI DA RUA APÓS 10 ANOS

MANUEL CARLOS FREIRE

José Freitas, a viver há 10 anos como um sem-abrigo na estação de Santa Apolónia, em Lisboa, optou há dias por viver num centro de acolhimento do Exército de Salvação e com cinco antigos combatentes que, como ele, estiveram na guerra colonial.

A missão de retirar José Freitas da rua, após anos e anos de tentativas infrutíferas por parte de várias instituições de solidariedade social, concretizou-se na passada sexta-feira e foi o culminar de "61 dias" de esforço por parte de técnicos da Liga dos Combatentes, contou ontem ao DN o major António Correia, psicólogo clínico ligado ao Centro de Estudos e Apoio Médico, Psicológico e Social (CEAMPS) da Liga dos Combatentes (LC).

"Há diferenças, de linguagem e atitude, entre sem-abrigo combatentes e os outros, identificadas pelas outras instituições" que trabalham nessa área e que ajudam a explicar o seu insucesso junto desse universo dos sem-abrigo, sublinhou António Correia. "Quando eles começam a falar das experiências da guerra, as emboscadas... nós entendemo-los. E é com

essa linguagem que conseguimos chegar até eles", enfatizou o psicólogo militar, oficial da Força Aérea no activo, adiantando que muitos dos técnicos e voluntários são militares ou familiares de militares que conhecem o quadro mental de quem já esteve nas fileiras.

José Freitas, 58 anos, é um antigo soldado do Regimento de Infantaria de Tomar e do Batalhão de Caçadores 3855, de Abrantes, tendo cumprido uma comissão de serviço em Angola entre 1972 e 1974. Os registos das equipas de acção social indicam que vivia há mais de 10 anos junto à estação de caminhos-de-ferro de Santa Apolónia, em Lisboa.

"Hoje sentimos a necessidade de mostrar o nosso trabalho (...) Não é qualquer equipa que, ao fim de 61 dias de trabalho persistente com um combatente sem-abrigo que está na rua há mais de 10 anos consegue tamanho sucesso. Orgulhamo-nos bastante disso, já tivemos outros sucessos semelhantes, mas este caso é diferente", enfatizou António Correia.

José Freitas é apenas um dos

mais de 25 casos que o CEAMPS está a acompanhar na região da Grande Lisboa - dos quais 13 na capital, em parceria com instituições como o Exército de Salvação, a Comunidade Vida e Paz ou a Misericórdia. "O que interessa é estruturar a vida desses homens, levá-los a aderir a projectos de vida com a família ou a comunidade".

Essencial para esse trabalho, frisou António Correia, são as equipas compostas por dois elementos (um técnico e um voluntário) cada, cuja base de apoio são os Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social da Liga em Loulé, Lisboa, Coimbra e Porto.

Quatro em 10 homens sem-abrigo com 55 a 70 anos são combatentes

Rede nacional
Esses centros actuam nos domínios da clínica geral, psiquiatria, psicologia clínica e da saúde, apoio social ou enfermagem, entre outras valências. Contudo, em Coimbra e Porto - abrangendo as regiões centro e norte, respectivamente - ainda não existem equipas próprias para actuar no terreno, esperando a LC conseguí-lo até ao fim deste ano. A mesma intenção existe quanto aos Açores, na ilha Terceira e em São

Projectos da Liga dos Combatentes



A Liga dos Combatentes (LC) é dirigida pelo general Chito Rodrigues - homem forte das informações militares até aos 1990 - desde 2003 e tem vários projectos estruturantes. Dois deles centram-se especificamente no apoio social aos combatentes: o "Liga Solidária", para criar lares de 3.ª idade destinados aos veteranos, e o relativo aos "Cuidados de Saúde", que procura reintegrar os sem-abrigo combatentes. Mas o mais mediático é o da "Consevação das Memórias", para identificar e recuperar as ossadas dos militares mortos na guerra colonial. Marcantes na vida da LC são as celebrações de cinco datas: Dia da Liga (20 Out), Dia de Portugal (10 Jun), Dia do Armistício (11 Nov), Dia do Combatente (09 Abr) e Dia de Finados (02 Nov).

Miguel, adiantou António Correia.

Além disso, os mais de 70 núcleos da Liga dos Combatentes espalhados pelo território nacional - onde são responsáveis por 222 talhões e 80 ossários de soldados, disse ao DN o presidente da instituição, general Chito Rodrigues - permitem sinalizar e encaminhar para a sede os casos detectados, enfatizou António Correia. A par disso, o Centro de Estudos tem em curso "linhas de investigação na área das vulnerabilidades dos combatentes em contextos instáveis", nomeadamente ao nível do stress pós-traumático, dos cuidados de saúde, do apoio social aos combatentes e famílias carenciadas e em risco de exclusão social, adiantou aquele responsável.

Também "estamos a criar uma bolsa de voluntariado de técnicos, particularmente nas áreas sociais e humanas, e de voluntários que se identifiquem com o trabalho que estamos a desenvolver", informou António Correia.

Em termos de universo estimado de sem-abrigo combatentes, António Correia diz não haver dados fiáveis: "Estamos a fazer o levantamento" desses casos, observou, assinalando que a expectativa inicial apontava para um combatente em cada 10 homens sem-abrigo entre os 55 e os 70 anos. Mas "a nossa experiência, ao fim de três meses de trabalho, é que quatro a cinco em cada 10 homens nessa faixa etária são combatentes, com uma margem de erro de um", admitiu o psicólogo. ■

Ex-combatente salvo da rua por general

Liga dos Combatentes ajuda sem-abrigo de há 10 anos